



IV JORNADA DE
PESQUISA EM
PSICOLOGIA
DESAFIOS ATUAIS NAS
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011
UNISC - Santa Cruz do Sul

RELAÇÃO MÃE-BEBÊ: CUIDADOS E PREOCUPAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA VINCULAÇÃO AFETIVA

Caroline de Oliveira Mozzaquatro

Rodrigo Gabbi Polli

Dorian Mônica Arpini

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este trabalho visou observar a relação mãe-bebê nas díades acompanhadas pelo Programa da Criança em uma unidade básica de atenção à saúde, com o intuito de detectar possíveis riscos ao desenvolvimento infantil de modo precoce. Para tanto, foram realizadas observações e entrevistas com as mães, tomando por base os Indicadores Clínicos de Risco ao Desenvolvimento Infantil. O estudo foi qualitativo, sendo realizadas cinco entrevistas semi-estruturadas seguindo um tópico guia referenciando os aspectos que foram observados durante as três observações. O presente trabalho justificou-se pelos seus fins de estudo e pesquisa, aliado a uma preocupação atual em promover saúde, focando no período inicial do desenvolvimento. As conclusões evidenciaram a preocupação materna neste período inicial de vida uma vez que as mães mostraram-se interessadas e adaptadas à realidade das crianças.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Relação mãe-bebê; Indicadores de risco; Promoção de saúde.

Introdução

Este estudo é resultado das observações da relação entre cinco bebês e suas mães, nos atendimentos realizados pelo Programa da Criança em uma unidade básica de atenção à saúde e posterior entrevistas realizadas com as mães. Este trabalho teve como intuito detectar como tem se dado a relação mãe-bebê atentando para a presença de possíveis riscos ao desenvolvimento infantil de modo precoce.

Para tanto, a observação, assim como as entrevistas realizadas com as mães, tiveram por base o instrumento proposto por Kupfer et. al. (2009), chamado de Indicadores Clínicos de risco ao Desenvolvimento Infantil (IRDIs), e teorias sobre o desenvolvimento infantil ligado a relação mãe-bebê. Essa ligação se dá visto que se entende que uma criança não chega a se desenvolver sem um vínculo com a mãe, ou quem cumprir a função materna, como apontam autores como Bowlby (2002), Spitz (1998), Winnicott (1999).

Confirmando tal premissa, Mahler (1993) afirmou em 1963 que o bebê é despreparado biologicamente para se manter separado, e isso condiciona a fase da “simbiose” mãe-filho. A autora cita Freud quando diz que a dependência emocional da mãe é uma verdade universal da existência humana, e que dura a vida inteira embora vá decrescendo ao longo da vida.

Baseados no relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) e em outros estudos, Kupfer et al (2009) expõe que os transtornos mentais são comuns na infância e adolescência, porém o diagnóstico e o tratamento são insuficientes. Mesmo sendo problemas relevantes para o desenvolvimento das crianças, não recebem atenção adequada e suficiente das políticas públicas, o que acaba deixando um grande número de crianças sem assistência adequada.

Pela constatação dessa defasagem citada, foi proposto os Indicadores Clínicos de Risco ao Desenvolvimento Infantil, chamada de pesquisa IRDI, para detectar ainda na primeira infância problemas ao desenvolvimento infantil, com aplicação significativa na saúde mental. Tal pesquisa foi realizada pelo GNP – um grupo de psicanalistas reunido pelo Ministério da Saúde em 1999 – no período entre 2000 e 2008, e desenvolveu um instrumento composto por 31 indicadores clínicos de risco psíquico ou de problemas de desenvolvimento infantil observáveis nos primeiros 18 meses de vida de uma criança (KUPFER et al., 2009).

Em tal pesquisa, privilegiou-se a articulação entre desenvolvimento e sujeito psíquico, sem desconsiderar os processos maturativos de ordem neurológica e genética – estes geralmente alvos das pesquisas sobre desenvolvimento. Por sujeito psíquico entende-se que o sujeito constrói-se desde o início da vida, através do campo social que é anterior a ele, e contém a história de um povo, da família, do desejo dos pais. Os encontros e intercorrências que ocorrem na trajetória singular de cada um também o construirão enquanto sujeito psíquico, e assim ele construirá um lugar único para ele próprio a partir disso tudo (KUPFER et al., 2009).

Na construção para os indicadores da pesquisa IRDI, a presença destes na criança indica que ela está em desenvolvimento saudável, e a ausência dos IRDIs é que indica riscos ao desenvolvimento. Dessa forma, os indicadores foram concebidos de maneira positiva, de modo que quando incluídos em um protocolo de consultas regulares de pediatras, estes verão a saúde da criança, desfocando o olhar sobre a doença, ficando no âmbito geral da saúde e da prevenção (KUPFER et al., 2009).

Ademais, caso haja a ausência de algum IRDI, o profissional pode suspeitar que algo não vai bem, porém isso não o levará a fechar um diagnóstico definitivo e definidor. Este pode ser desastroso, e selar um destino quando ainda há possibilidades de modificações, já que conforme Kupfer et al (2009), seguindo Winnicott, há plasticidade na construção singular do sujeito, e as intercorrências que ocorrem não deixam que se selem diagnósticos.

Métodos

O estudo foi realizado junto a uma unidade de atenção básica da cidade de Santa Maria, denominada Unidade Sanitária Kennedy, em um dos programas realizado neste, chamado Programa da Criança, por um período de três meses. Escolheu-se este programa em específico por ser realizado no referido local um trabalho de atendimento com crianças na faixa etária entre zero a dois anos, cobrindo o período inicial do desenvolvimento, foco do estudo. Contudo, o presente trabalho teve como foco de atenção o período de zero a oito meses.

Durante os três meses da coleta de dados no local da pesquisa, foram realizados três momentos de observação da relação mãe-bebê. Tal período de observação esta em concordância com os Indicadores Clínicos de Risco ao Desenvolvimento Infantil (KUPFER et

al., 2009), os quais estão separados nos períodos: zero a quatro meses incompletos, quatro meses a oito meses incompletos, oito meses a doze meses incompletos e doze meses a dezoito meses. Prestou-se atenção aos dois primeiros períodos por compreenderem o foco da pesquisa.

A entrevista realizada com as mães participantes da pesquisa foi de caráter qualitativo, seguindo um tópico guia como roteiro, chamada de entrevista do tipo semi-estruturado. Tal perspectiva segue os preceitos de Gaskell (2002), autor que entende que esse tipo de entrevista fornece os dados básicos para a compreensão das relações que existe entre os atores sociais e a situação em que eles se encontram, sendo possível chegar a uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações das pessoas naquele contexto social específico.

Até o momento, foram realizadas entrevistas e observações com cinco díades mãe-bebê, e associaram-se essas duas técnicas realizadas em ocasiões diferentes, integrando os conhecimentos adquiridos. Na tabela abaixo são apresentadas algumas características dos participantes do estudo:

Tabela 1

Díade	Idade do bebê	Sexo do bebê	Idade da mãe	Número de irmãos
1	Seis meses	Masculino	37 anos	três
2	Três meses	Feminino	22 anos	um
3	Quatro meses	Masculino	28 anos	zero
4	Quatro meses	Feminino	29 anos	três
5	Seis meses	Masculino		

A partir da análise dos dados coletados evidenciaram-se quatro categorias para discussão, a saber: choro, amamentação, relação mãe-bebê e rede de apoio.

Resultados

Os resultados parciais apontam que durante as observações a maioria dos IRDIs estiveram presentes. Apenas um dos treze indicadores esteve ausente em uma das três observações realizadas com a díade 1, sendo este o indicador referente a presença de fala

da mãe dirigida ao bebê. Tal ausência não foi constatada em outros momentos de observação, nem confirmada pela entrevista, visto que durante esta a mãe diz: “[...] quando ele pára [de mamar] e começa a dar risada, aí eu converso [com ele]”. Dessa forma, acredita-se que não se pode inferir uma predisposição de risco ao desenvolvimento somente pela ausência deste indicativo em uma observação, pois isso desqualificaria os outros momentos vividos pela díade.

Pode-se contatar que durante os momentos de observação o choro do bebê ocupa um espaço importante na relação das mães com seus bebês. Identificou-se uma preocupação das mães com a compreensão das necessidades expressas pelos bebês através do choro, como se pôde observar na consulta do bebê da díade 2, onde este começa a chorar e a mãe fala em manhês, e logo depois conclui que ela estava com fome, amamentando a criança. Durante a entrevista a mãe refere que “[...] [quando o bebê chora] eu dou mama, aí depois eu troco a fralda, se ela continua eu pego dou uma passeada. Se não para eu aperto o ouvidinho pra ver se dói alguma coisa. (...) E pego um pouquinho no colo, que às vezes [ela] quer um pouquinho de atenção mesmo”. A mãe da díade 3 também ao relatar sobre o choro, diz: “Não [chora] muito, só quando tá com dor, uma dorzinha. Mas não é muito, só pra mama”.

Sobre a amamentação pode-se constatar que a totalidades das mães participantes do estudo amamentam os bebês no seio, vindo a amamentá-los durante as consultas nas quais foram realizadas as observações. Todas referem sentir prazer em amamentar, como se pode constatar na fala da mãe da díade 3 “Ah, [amamentar] é maravilhoso, maravilhoso! É abençoado, deus o livre! [...] Gosto [de amamentar], gosto e tomo bastante aveia, pra da bastante leite”. A mãe da díade 1 diz que “eu acho bonito as mulheres dando mama pros filhos, mas é que eu nunca consegui dar [mama] pra elas [outras duas filhas], e agora pra ele eu consegui dar”.

Todas as díades mostraram ter uma boa relação mãe-bebê, sinalizando ter investimento, visto que todos os bebês trocavam olhares com suas mães, respondiam ao manhês sorrindo ou tentando vocalizar. Na entrevista, a mãe da díade 4 relata uma cena do cotidiano onde mostra a interação e investimento entre ela e sua filha, “[...]eu cheguei no berço e dei bom dia pra ela, disse ‘bom dia meu amor’ [em manhês], aí ela já dá risada e dá os braços”. A mãe da díade 3 mostra-se emocionada com a interação que estabelece com o

filho “[ele] dá risada bastante. Dá risada – eu choro quando ele dá risada, eu choro. Acho que é emoção. [bebê resmunga] É, a mãe já vai chorar”.

Além disto, evidencia-se que todas as mães possuem uma rede de apoio familiar que as auxiliam no cuidado com os bebês e que referem ser de grande importância, como mostra a fala da mãe da díade 2: “[...] a minha sogra me ajuda a cuidar bastante, bastante mesmo. E meu marido assim, quando tá em casa dá uma reparadinha, né, aquela coisa básica. [...] Mas quem me ajuda que eu posso te dizer é a minha sogra, ela que me ajuda em tudo, tudo que tu puder imaginar”. Já a mãe da díade 4 relata ter uma filha que a ajuda nos cuidados com a bebê, mas não depende disso para fazer suas atividades, já que se adapta a rotina da filha, “nunca fiquei muito tempo fora de casa, nada mais do que umas três horas que ela tivesse dormindo. Eu dou mamá, troco a fralda dela, do mamá e deixo ela dormindo, aí eu fico por aquelas duas, três horas que ela dorme, aí eu posso me ausentar”.

Discussão

Através dos resultados, pode-se destacar que as cinco mães mostram-se adaptadas aos seus bebês e suas necessidades. Confirmando tal premissa, aponta-se a teoria de Winnicott (2000) sobre a preocupação materna primária, a qual seria um estado de sensibilidade exacerbada, quase uma doença que depois a mãe se recupera. O autor coloca que neste momento inicial da relação a mãe preocupa-se com o seu bebê e procura atender e adaptar-se às suas necessidades.

A amamentação é vista pelas cinco mães como um momento especial e único do desenvolvimento do bebê. As mães se mostram satisfeitas por amamentarem os bebês e referem sentir-se gratificadas durante este momento. Winnicott (1999) postula que o bebê procura além do alimento o olhar da mãe durante a amamentação; e, segundo Spitz,(1998), há um vetor da mãe para o filho, mas também há um vetor do filho direcionado para a mãe, havendo uma troca afetiva recíproca. A presença da mãe, inclusive sua própria existência, suscita reações no bebê, e, igualmente, a presença e existência do bebê evocam reações na mãe.

Todas as mães relataram ter preocupação em satisfazer as necessidades básicas dos seus filhos, e, além disso, mostraram estarem ligadas afetivamente a eles, não cuidando apenas dos aspectos relacionados à higiene e à alimentação, mas sim uma preocupação com

relações afetivas. Os bebês procuram estar em contato com as mães, como elas relataram e como pode ser visto durante as observações, através de gestos que vão além do choro, como sorrir para elas e vocalizar, fatos que permite entender que há apego entre as díades, conforme expõe Bowlby (2002). Para o autor, o fato de o bebê buscar manter a mãe próxima é o chamado comportamento de apego, e o da mãe de responder essa demanda é chamado de comportamento de amor materno, e quando esses comportamentos ocorrem e progridem em harmonia o par estará feliz, mesmo havendo a presença de conflitos. Segundo Mahler (1993), a familiarização do bebê com a metade materna de seu *self* simbiótico é indicada pela resposta de sorriso social, que começa a aparecer para a mãe inicialmente de forma pouco específica. Essa resposta, gradualmente, torna-se específica, havendo uma preferência do bebê dirigida à mãe.

A rede de apoio se mostrou importante para as cinco mães, já que contando com a ajuda de uma outra pessoa nos cuidados com os bebês, relataram poder ter tranquilidade para fazer outras atividades, posto que segundo elas os bebês requerem a presença constante de um cuidador. Porém, mesmo todas tendo relatado que possuem uma rede de apoio, todas organizam o seu dia em função da rotina do bebê. Bowlby (2002) coloca que há um equilíbrio dinâmico entre mãe e filho, e a distância entre eles é mantida dentro de certos limites estáveis. Quando a distância está excedendo a um máximo, alguém do par irá agir para reduzir essa distância entre ambos, ou a mãe indo ao encontro do filho, ou este chamando pela mãe. Assim, os bebês são propensos a agir de maneira especial em relação à mãe e aos seres humanos em geral, e também as mães são propensas a comportar-se de modo especial em relação aos bebês.

Conclusões

Os resultados parciais deste estudo possibilitaram concluir que a complementaridade das técnicas de observação e de entrevista com as mães auxiliara a compreender a relação mãe-bebê de forma mais completa e satisfatória. Acredita-se que somente a observação não traria subsídios suficientes para se detectar de forma precoce riscos ao desenvolvimento. Dessa forma, a complementaridade das técnicas enriqueceu a análise, visto que foi possível aprofundar questões com as mães através da entrevista e confirmar situações relatadas por elas na observação.

Os indicadores observados – como a troca de olhares, sorrisos, espera de respostas e adaptação de necessidades – se mostraram congruentes com o que se constatou nas díades e auxiliaram a focar em aspectos fundamentais para a compreensão da relação mãe-bebê. Dessa forma, todas as mães evidenciaram preocupação com seus filhos, tendo passado por um momento de adaptação e se encontrando agora adaptadas a eles.

Por fim, acredita-se que as contribuições do estudo poderão ser revertidas para a sociedade, através do embasamento de quem trabalha nas unidades de saúde em programas da criança, ressaltando-se a importância de um desenvolvimento emocional saudável nos primeiros meses de vida. Desta forma, poderá se construir um modo de olhar para a relação inicial, estimulando que haja as trocas afetivas entre as mães usuárias dos serviços de saúde e seus bebês.

Referências:

BOWLBY, J. **Apego e perda**: apego, v.1. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUPFER, M. C. M. et. al. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath. Online**, v. 6, n. 1, 2009, p. 48-68

MAHLER, M, S.; PINE, F.; BERGMAN, A. O nascimento psicológico da criança: simbiose e individualização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.